

...A linguagem que, como nenúfar...

Annabela Rita¹

Resumo

Neste ensaio, a autora reflete sobre a emergência das Literaturas Lusófonas, fenômeno gerado pelo encontro de culturas e pela inter e multi-culturalidade que o processo de expansão marítima de Portugal provocou, destacando as principais coordenadas das Literaturas que assim se encontraram e em que as Lusófonas se geraram.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa, Lusófona, cultura.

Abstract

In this essay, the author reflects on the emergency of *Lusophone Literatures*, generated by the meeting of cultures and the inter- and multi-culturality that the process of maritime expansion of Portugal provoked, detaching the stronger coordinates of those Literatures that met and that generated the *Lusophone Literatures*.

Key words: Portuguese Literature, Lusophone, culture.

¹ CLEPUL – Universidade de Lisboa. Doutorada e com Agregação em Literatura, professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, presidente das Direções do CLEPUL da APT.

“E ali se vê o brilho vivo que navega no interior da sombra. Ali se ouve a linguagem que, como nenúfar, aflora à tona das águas paradas do silêncio. [...] Ali o ar, em frente dos espelhos, oscila e parece arder [...]”

Sophia de Mello Breyner Andresen

Da Literatura

Falar de *Literatura* implicaria evocar acordos e desacordos e refletir sobre matéria eminentemente metamórfica.

Todos concordamos com o fato de que a Literatura é linguagem e comunicação. Mas a ordem dos fatores em referência não é arbitrária e aí começa o problema: na *diferença* e na *especificidade* que a constituem.

As sucessivas tentativas de definição e de caracterização dessa linguagem e comunicação estéticas seriam, por si só, suscetíveis de formar Bibliotecas.² Aqui, seria excesso imperdoável! Aceitemos, pois, que é uma *crystalização cultural*³ e um sistema hipercodificado⁴ por convenções específicas, cujas insígnias os *iniciados* tendem a reconhecer e que influem na criação e na leitura: pluralidade e mutabilidade semântica,⁵

2

Literatura, matéria de perspectivação disciplinar diversificada e complementar. A História, a Crítica e a Teoria da Literatura ponderam-na diacrônica, sincrônica e acronicamente, oferecendo-a em função de quadros de referências complementares e de conceitos operatórios que a última elabora no seu intercâmbio com as outras, que os vão testando e ‘afinando’. Outras disciplinas (a Hermenêutica, a História da Língua etc.) colaboram no esclarecimento dos textos que mais se iluminam ainda no diálogo que mantêm uns com os outros, através do tempo, do espaço, das nacionalidades (matéria dos estudos *comparatistas* e, expandindo o conceito de *texto* à Arte, em geral, assunto dos estudos *intermediais*, por excelência).

3 No texto literário, concentra-se de modo estruturalmente depurado e elaborado essa polifonia difusa e complexa: a *cultura*. Cultura, cuja heterogeneidade tende a ser inteligível por perspectivações sistematizantes que evidenciam e fazem reconhecer linhas de força identitárias, assinalando continuidades na descontinuidade. Cultura, onde se mesclam identidade e alteridade, forças centrífugas e centrípetas relevando a vida das comunidades, a sua experiência, a sua memória, o seu esquecimento, o seu sentimento de pertença e de *ser*, a sua capacidade e vontade de preservar e de reforçar.

4

Além das convenções linguísticas (combinadas com as sociais, morais etc.), é uma comunicação *mediada* por *convenções* próprias que lhe conferem dimensão artística e historicidade: os gêneros, a memória dos seus *clássicos* e dos seus *marginais*, do *cânone* e do contra-canto, da consciência estética de um devir do signo literário, de matrizes e de prospectiva, de ensaística e de concretizações, de processos. E é uma comunicação mediada também pela *legitimação* intrínseca e extrínseca: a da reflexão da palavra sobre si, narcísica e anelante de outra; a da inscrição da palavra no real de que se contamina; a das instituições que a (re)conhecem e que a fazem (re)conhecer (associações de escritores, academias, programas escolares, prêmios, editoras etc.).

5

assimetria comunicativa (presença x. ausência),⁶ de gêneros, de programas estéticos (escolas, movimentos etc.), de referências que lhe (re)compõem o cânone e a memória (autores e obras),⁷ de funções⁸ etc.

Sereia, feiticeira e estrela, atrai e faz-nos segui-la *a seu modo*... desde o título, passando pelos limiões iniciadores (epígrafes, prefácios, advertências de leitura etc.), até o último traço no papel, cria (con)sequentes horizontes de expectativas que

É linguisticamente *ensaística*. Experimenta até aos limites do irreconhecimento a ductilidade da linguagem, a sua plasticidade, a sua potencialidade fonética, semântica e sugestiva, a sua capacidade concentracionária e expansiva, as suas possibilidades combinatórias. Explora a opacidade e a transparência do signo, desafia o nosso imaginário, revoluciona e/ou sistematiza os sistemas conceituais, vetoriais e/ou exprime o pensamento.

6

É comunicação *in absentia*, com tudo o que tal implica. A escrita e a leitura desenvolvem-se em face de um lugar vazio imaginariamente configurado de modo a influir na comunicação. Quem escreve concebe um destinatário em gênero, número e 'grau' (nível de competência) ou pode conciliá-los num registo que os conjuga (irônico, simbólico, paródico etc.). Quem lê, imagina-se a ser imaginado, e cada palavra vive da polissemia acrescentada pela sua autonomia (descontextualização) que o tempo e as circunstâncias vão expandindo na leitura. Com isso, torna-se protagonista de Histórias da Literatura e de Histórias da Leitura.

7

É eminentemente *metamórfica*: as suas fronteiras estão em permanente mutação, quer no plano teórico (da sua conceitualização), quer no plano criativo. Reconfigura-se e é reconfigurada diversamente, em função de fatores intrínsecos e extrínsecos legitimadores. É *território* movediço, onde os valores e as sensibilidades confrontam-se e onde o que hoje é considerado literário pode ser relegado para as suas margens amanhã.

Vive a dupla vocação de querer ser *diferente* (original, singular, surpreendente) e de desejar, (in)confessadamente, *assemelhar-se* ao(s) modelo(s) que elege, à tradição e linhagem com que se identifica. Nessa tensão, revela-se sutil, mas profundamente *paródica* e *tabular*: a memória estética e cultural informa-a. Da alusão à assumida citação, do *pastiche* à reescrita, todas as variantes lhe modulam o verbo, suspenso de pregnância, vibrante de suspeição.

E a palavra impõe-se *iconicamente*: é imagem em trânsito, dominada pela *arte da fuga*, em que se transforma, 'medusante' e encantatória na sua (re)configuração e na das imagens que promove na nossa imaginação. Nesse trânsito, inscreve-se e grava-se enlutada pela perda experimentada, eufórica pela novidade que incorpora, tranquilizada pela memória preservada: constitui-se como *detalhe* ou *senal* de programas estéticos que codifica e cristaliza, que atravessa e em que se metamorfoseia.

Releva de protocolos de escrita e promove pactos de leitura: sugere, impede ou dificulta itinerários analíticos, insinua a sua inesgotabilidade, seduz e fascina pelo modo como se impõe como *alfa* e *ômega* de si própria.

8

É *plurifuncional*. Assume diversas funções, desde a de representar ou refletir sobre o real até à de promover a alienação dele, questionando a existência ou questionando-se a si mesma, denunciando ou assinalando, observando ou observando-se etc. E a escrita desenvolve-se oscilando entre elas, jogando com elas, deixando sinais mais ou menos dominantes ou hesitando em comprometer-se decididamente com uma delas, estética, social, ética, filosófica ou outra. Ao longo dos tempos e das histórias literárias, poderemos detectar predominâncias, mas é a pluralidade que a caracteriza.

confirma, infirma ou concretiza, criando uma vivência cotidiana *além, aquém e ao lado de*, compensando-a, completando-a, analisando-a, (re)flitando-a e/ou alienando-a.

Sigamo-la, então, contrariando a lição de Ulisses e deixemo-nos seduzir por ela, que...

*... aflora
à tona das
águas paradas do silêncio...*

Das Literaturas *Lusófonas*

Nas *águas lusas*, os *nenúfares* assumem tonalidades específicas...

Se a Literatura for “Lira /.../ da Consciência”⁹ (Gomes Leal), então, ela terá o timbre do imaginário coletivo, como reconhece Manuel Alegre, ao ouvi-la:

*Era um país ainda por dizer
e uma flauta cantava. Nos salgueiros pendurada
ou na palavra. Uma flauta
a tanger
a língua apenas começada. Subia
pelo nervo e pelo músculo
como quem assobia no acento agudo
e no esdrúxulo. Algures por dentro
do país mudo. Uma flauta floria
sobolos nomes que vão
para nenhures. Algures
contra o vento. Com seus cântaros
e alegrias suas câmaras
da memória. Uma flauta ainda
sem história. Chamavam por ela
os antigos e os apelos ecoavam.*¹⁰

E a sua dimensão *patrimonial*¹¹ justifica instituições que a *cartografem* no âmbito de uma territorialidade alargada designada por *mundo lusófono*:¹² as academias,¹³

9 LEAL, 1999, p. 47.

10 ALEGRE, 1992, p. 11.

11 Até as literaturas de tradição oral pertencem ao domínio do património imaterial da humanidade que a UNESCO reconhece.

12 O *Dicionário Temático da Lusofonia* (2005) consagrou definitivamente esse bloco de diversidade cultural (CRISTOVÃO et al., 2007).

13 A Academia de Ciências de Lisboa [<http://www.acad-ciencias.pt/>], com a sua Seção de Letras [http://www.acad-ciencias.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=62&Itemid=74], a Academia Brasileira de Letras [<http://www.academia.org.br/>].

as associações culturais¹⁴ e de escritores, certas instituições,¹⁵ prêmios,¹⁶ museu,¹⁷ estudos linguísticos (da lexicologia à morfologia, sintaxe e história da língua), Bibliotecas (das tradicionais às digitais), assim como este *observatório*. Nesse *mundo lusófono*, como nos outros, a identidade nacional *literária* define-se no quadro da “literatura como sistema comunicativo segundo, intrinsecamente ligado ao esquema comunicativo primeiro da linguagem”, associando a consciência da comunidade nacional,¹⁸ podendo alguns autores reivindicar a sua pertença a duas literaturas nacionais ou a de uma nacionalidade que não é a sua de fato, mas por afetos, ou a uma nacionalidade ferida na sua autonomia e politicamente dominada por outra.

1 Da Literatura Portuguesa

Perscrutemos o som da “flauta” portuguesa.

No início, era... eis-nos no campo da história e da mitologia portuguesas.

Tudo começa com a independência, autonomia e legitimação comunitárias: a constituição de um povo como *comunidade* que se (faz) reconhece(r) autônoma, singular, diferente: Portugal.

Esse autoato político está consagrado em documentos próprios que o nomeiam e constituem a sua ‘cédula’, mas foi reforçado por uma construção imaginária progressivamente alimentada que lhe confere *identidade*, mais do que apenas *nome*.

No ADN nacional que lhe informa a cultura e as suas cristalizações literárias (e artísticas, em geral), destacaria a conjugação inicial de três componentes orientadores da tessitura ‘penelopiana’: a bélica, a religiosa e a *viator* (no mais lato sentido, contemplando a relação dialética de quem parte com *quem* e com *o que* fica).

A elaboração de uma mitologia consagratória e messiânica que coloca a comunidade “*sob o signo de...*” reiterado nas suas insígnias (bandeira, hino, museologia etc.) e na sua canção mais identitária, o *fado* (“Foi por vontade de Deus...”, na voz de Amália), assumirá como seu eixo mais central o imaginário cristão, mas, na verdade, quer a espiritualidade pagã, telúrica, quer a islâmica, quer a oriental, embebem-lhe o *verbo relacional*, o sentimento da transcendência, de um *além* marcante da teleologia da história e da existência comunitárias (uma ‘vieirinha’ *História do Futuro*¹⁹).

Por esse sentimento e com ele se marcou e expandiu a territorialidade, se lutou e navegou, se fundaram comunidades que hoje se reivindicam de uma mesma *família* (a CPLP), se geraram sebastianismos ortodoxos e heterodoxos. A essas experiências se mescla a da diáspora e da miscigenação: anterior, simultânea e consequente.

14 Por exemplo, a ACLUS (Associação de Cultura Lusófona) [<http://www.fl.ul.pt/aclus/>].

15 Instituto Internacional da Língua Portuguesa: [<http://www.iilp-cplp.cv/>], Sociedade da Língua Portuguesa [<http://www.slp.pt/>] etc.

16 O prêmio Camões.

17 Museu da Língua Portuguesa: [<http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>].

18 Cf. CRISTÓVÃO, p. 13-34.

19 VIEIRA, 1992.

Tudo contribuiu para que a *ânsia de ser*, eminentemente *identitária*, se tornasse um dos vetores centrais das suas manifestações culturais: não será apenas por programas estéticos que ela é considerada pela maioria dos seus *clássicos* (Camões, António Vieira, Garrett, Pessoa etc.) como fator decisivo da definição dos *protocolos* da comunicação literária: na cultura do livro em que se inscreve, a relação de “adequação” (para usar garrettiana expressão) entre o verbo artístico e o povo-nação e/ou o seu representante é preocupação *poiética*, e a sua capacidade de “exacerbar” (a palavra, agora, é de Cesário) releva a capacidade de melhor *configurar*, de mais se vincular a uma *pátria-mátria*.

Tudo favoreceu uma escrita *interrompida* pela vida e desejosa de cerzi-la, *expectante* do acontecer: o fragmentarismo complexo da escrita bernardiniana, como a musicalidade e brevidade das vocalizações galaico-portuguesas, tecidas de lirismo, tragicidade e narrativo, atravessam os tempos e os textos, no diálogo que lhes faz a história.

Tudo contribuiu, igualmente, para que o *sentimento da ocidentalidade* (que Cesário assumiu como um título), com todas as suas matrizes (greco-romana, judaico-cristã, mas também islâmica, e, noutra vertente, de vocação intimamente ‘ecumênica’, cavaleiresca, até, oriental etc.) e fraternidades (europeias, com destaque para as peninsulares²⁰) se fosse tingindo de outros *sentimentos* ditados pela vivência da *ausência* e da *distância* (no plano individual, familiar e coletivo) que lhe foram modalizando o verbo poético e ficcional entre canto e contracanto, registos simbolicamente expressos em *Os Lusíadas* (1572) e na *História Trágico-Marítima* (1735-36).

Na *ausência* e na *distância*, a *perda* vibra de angústia, nostalgia, fatalidade (a lírica galaico-portuguesa, a cronística, a novelística bernardiniana etc.). Nos que partem, como nos olhos descritos por João Roiz Castell-Branco, e chorados à guitarra, depois, por Adriano Correia de Oliveira:

*Senhora, partem tam tristes
meus olbos por vós, meu bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenbus por ninguem.*

*Tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partida,
tam cansados, tam chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.
Partem tam tristes os tristes,
tam fora d’esperar bem
que nunca tam tristes vistes
outros nenbus por ninguem.*²¹

E nos que ficam, como no-lo canta Martín Codax (“Ondas do mar levado,/ se vistes meu amado?/ E ai Deus, se verá cedo!// Se vistes meu amigo,/ o por que eu

²⁰ Cf. 3EL (Três Espaços Linguísticos) [<http://www.3el.org/>] e o espaço das Línguas Ibéricas [http://network.idrc.ca/en/ev-77353-201-1-DO_TOPIC.html].

²¹ RESENDE, 1990, p. 324.

sospiro?/ E ai Deus, se verrá cedo!”²² ou D. Dinis (“Ai flores, ai flores do verde pino,/ Se sabedes novas do meu amigo!/ *Ai Deus, e u é?*”)²³ em interpelação continuada por Manuel Alegre (“Se sabeis novas de meu amigo/ novas dizei-me que desespero/ por meu amigo que longe espera”).²⁴

Ou *ausência* e *distância* onde a *conquista* vibra de *estranheza* e/ou de *embaralhamento* (narrativa de viagens ou radicada na sua simbologia), como observamos na *Carta de Pêro Vaz de Caminha*²⁵ (1500).

Ausência e *distância*, portanto, combinam e oscilam nas suas diversas e sucessivas representações entre o lírico, o narrativo e o trágico que os programas estéticos foram *afeiçoando* à realidade portuguesa.

2. Das outras Literaturas *Lusófonas*

Falei de *lusas águas*, que nas portuguesas não se esgotam. . .

Do adjetivo e da sua genealogia, já reza muita crônica, mas passemos-lhe à frente: às outras Literaturas *Lusófonas*.

Língua de comunicação na territorialidade *além* peninsular, o português transportou consigo a *dimensão artística* que lhe confirmou e reforçou a *identidade* cultural.

Viajando no espaço e no tempo, a língua portuguesa desenvolveu intercâmbios: deu e recebeu, transformou-se. Nos territórios de maior permanência, foi-se miscigenando com as suas congêneres locais, estabelecendo nexos de aproximação e de distância, de afetos e de desafetos, revitalizando-se com as novas e diferentes seivas, incorporando léxico expressivo de outras paisagens (onde os sentidos são estimulados pela surpresa e estranheza de terras, mares e ares), ductilizando estruturas, assumindo cada vez mais a mudança inerente à (sua) vida.

Na sua diáspora, a língua transportou a cultura portuguesa, que exprimia, e confrontou-se com as outras culturas, que assimilou e que influenciou.

Nessa relação, destaco a diferença entre os paradigmas de *espaço* e de *tempo*, matriciais no plano da elaboração cultural, gerados na diferente relação com a natureza, radicados na mundividência e na mundivivência, configuradores de correspondentes imagísticos e simbólicos, sensibilidades e imaginários: da perspectiva eurocêntrica de um real ordenado por uma transcendência espiritualizada e institucionalizada (da Igreja, Estado, Arte etc., e suas hierarquias) definidor de *fronteiras* de diversa natureza às perspectivas africana e ameríndia de uma imanência telúrica *ilimitada* (cujos *aqui* e *agora* se absolutizam no cotidiano da *tribo* e se interpretam e exprimem nas vozes dos feiticeiros, dos velhos e dos reis/rainhas, dos régulos, e na memória cristalizada nas *sagas* repousando em matrilinearidades, de feminino sacralizado pela *terra-mater*), à perspectiva oriental, conjugando imanência e transcendência na percepção *espiritual-*

22 CODAX, 1996, p. 53.

23 DINIS, 1997, p. 61.

24 ALEGRE, 2005, p. 97.

25 CAMINHA, 1968.

izada da vida e dos seres, aparentemente suspensos na *intemporalidade*. Encontro de diferentes paradigmas que se assinala em motivos simbólicos como, por exemplo, o do “velho colono” (“Ali sentado só, àquela hora da tardinha,/ ele e o tempo”²⁶). E, em certos lugares (como Moçambique), a interculturalidade era mais profundamente inerente à vida e à sua inteligibilidade, de modo a tratar em futura crônica...

Trata-se de aventura cartografando uma teia comunicativa em que se gerou uma *identidade-mosaico* hoje designada por *lusofonia* (contrapontisticamente à anglofonia, à francofonia ou à ‘hispanofonia’)²⁷ cuja Língua-“Rainha-mãe /.../ desafia a morte e o silêncio/ mãe em mim, que interroga o silêncio e o tempo/ razão e instinto face à traição dos ventos,/ língua, mãe-imperial, por excelência, nobre o rosto./ E o porte”²⁸. Língua elevando-se em “Oração ao Índico”²⁹ e a outras águas, como à “Mãe África”,³⁰ Língua que também canta mítica(s) ilha(s) original(is), configurada(s) na utopia afetiva e emocional da gênese (contrastando com a das utopias intelectualizadas cristalizadas em lendárias Atlântidas e platônicas Repúblicas), ou “ilhas douradas” ou “de Próspero” (Rui Knopfli) ou “inventadas” com “corpo de bruma”³¹ de icônica referência:

*A fortaleza mergulba no mar
os cansados flancos
e sonba com impossíveis
naves moiras.
Tudo mais são ruas prisioneiras
e casas velhas a mirar o tédio.
As gentes calam na
voz
uma vontade antiga de lágrimas
e um riquexó de sono
desce a Travessa da Amizade.
Em pleno dia claro
vejo-te adormecer na distância,
Ilba de Moçambique,
e faço-te estes versos
de sal e esquecimento.*³²

Dessas culturas resultaram, naturalmente, as suas manifestações artísticas, interessando-nos, aqui, em especial, as literárias.

A literatura oral, eminentemente simbólica e ritualística, e, em especial, na África e no Brasil, radicalmente telúrica, das diferentes comunidades

26 KNOPFLI, 2003, p. 151.

27 Note-se que o reconhecimento mútuo dos diferentes blocos linguísticos faz-se em diferentes instâncias, incluindo no 3EL (Três Espaços Linguísticos) [<http://www.3el.org/>]. Ao lado da Commonwealth of Nations, a CPLP também reúne o bloco dos países de língua portuguesa.

28 LEMOS, 2001, p. 15.

29 LEMOS, 2001, p. 40.

30 CRAVEIRINHA, 1980, p. 15-17.

31 Ver *A Invenção das Ilhas* (2009), antologia de Virgílio de Lemos, organizada por António Cabrita, ou a *Ilha de Moçambique. A Língua é o Exílio do que Sonhas* (1999).

32 KNOPFLI, 2003, p. 76.

(tribos, etnias, famílias, reinos etc.) e a literatura portuguesa, já grafada, encontraram-se e desenvolveram diálogo mais ou menos íntimo, mais ou menos deslumbrado, mais ou menos marcado pela tentação de impor e/ou de consagrar diferenças e semelhanças, às vezes, até de se oporem. Oscilando ou hesitando nos passos dessa dança de diferentes *naturezas* onde o “tambor” ritmou a “flauta” com pulsão corporal e onde se beija a *terra-mãe-amante* (“Meus lábios procuram-te avidamente/ e no delírio do meu amor por ti/ beijo-te inteira África”³³ (1963), Duarte Galvão³⁴): musicalidade, sentimento, sistema linguístico, referências etc.; *axialidade* social das literaturas locais *x desinscrição*, nesses mesmos locais, da portuguesa; a vinculação à *terra-mãe* de umas, *humanamente* cartografada, e à *terra-pátria* da outra, com cartografia política etc.

Quando as oralidades se disciplinaram na grafia e esta vibrou com o sopro daquelas, quando os diferentes imaginários (o de matriz europeia e os dos locais onde a diáspora conduziu o viajante português, múltiplos e heterogêneos) se mesclaram e reconfiguraram simbólicas, quando os ‘brasões’ assumiram diferentes ‘timbres’, novas *identidades literárias* nasceram, assumindo um quadro de referências onde a *esteticidade* europeia se mesclou com a *axialidade* social da vocalização africana, americana, oriental, cada uma delas polifônica...

Essas diferentes literaturas, *corpus* textual resultante desses casamentos entre os povos que hoje se consideram *lusófonos*, estão marcadas pelas suas histórias: da experiência dos primeiros encontros aos afetos e desafetos em *Casa-Grande e Senzala*,³⁵ dos casamentos e dos divórcios políticos que as ligações humanas e o tempo verteram em ligações indissolúveis, reconfiguradas em comunidades alargadas de uma mesma língua (CPLP) onde *Cada Homem é uma Raça*,³⁶ dissolvendo fronteiras étnicas na instância individual e na fraternidade comunicativa, no amor à *terra-mãe (Timor-Amor)*³⁷, à “pátria [que] é terra sedenta/ E praia branca; /.../ o grande rio secular/ Que bebe nuvem, come terra/ E urina mar”³⁸...

São literaturas de “palavra mágica”, “senha da vida”, “senha do mundo”,³⁹ em que muitos se sentiram/sentem clivados entre duas ou mais identidades, tematizando esse dilaceramento da divisão *matricial* no sentimento de que *Nós [os que o vivem] Não Somos Deste Mundo*,⁴⁰ por a nenhum *aqui e agora* pertencerem inteiramente, ou que tentam resolvê-lo através da as-

33 Reproduzido de <http://ma-schamba.com/literatura-mocambique/virgilio-de-lemos/a-invencao-das-ilhas-de-virgilio-de-lemos/>.

34 Pseudônimo de Virgílio de Lemos.

35 FREYRE, 1964.

36 COUTO, 2002.

37 CINATTI, 1974.

38 MORAES, 1960, p. 204.

39 ANDRADE, 1979, p. 99.

40 CINATTI, 1960.

sunção de que “pátria é só a língua em que [se] di[zem]”,⁴¹ ou, ainda, buscando recuar a um tempo original e mítico, d’*A Arca: Ode Didáctica na Primeira Pessoa – Tradução do sânscrito ptolomaico e versão contida*,⁴² ou, enfim, antologando-as, irmanadas, em *No Reino de Caliban*⁴³ e *Hora di Bai*.⁴⁴

Em qualquer delas, o ADN da legitimação *identitária*, bebendo na experiência autônoma e aspirando à construção *nacional*, venceu a escrita de *cidadania*. Literaturas que evocam a tradição e se interrogam sobre “Em que língua escrever / Na kal lingu ke n na skirbi nel”⁴⁵ a vida, os padrões da história do indivíduo e da comunidade, hesitando entre a língua saboreada com o leite materno e a “língua lusa”,⁴⁶ de infantil e escolar emoção, ou entre esta e a filha de ambas (crioulo), ponderando a dimensão patrimonial, de legado mnêmico, e o desejo de mais comunicar.

São literaturas que desejam trazer “para o palco da vida/ pedaços da[s] [suas] gente[s],/ a fluência quente /.../ dos trópicos”.⁴⁷ Literaturas exprimindo o encontro e o casamento linguístico e de sensibilidades, as sagas (*Yaka*⁴⁸), as utopias sonhadas e denunciadas (*A Geração de Utopia*⁴⁹), as “*estórias contadas*”.⁵⁰ O exotismo discursivo e o neologismo radical ou fusional (*Macandumba*,⁵¹ *Pensatempos*,⁵² ou *Estórias Abensonhadas*⁵³), a reescrita, a paródia (*Quybyrycas*⁵⁴, 1972, assinadas por Frey Ioannes Grabatus, na verdade, António Quadros, glosando *Os Lusíadas*⁵⁵, 1572, o *Jaime Bunda*⁵⁶, 2001-03, de Pepetela, reinventando o icônico James Bond etc.) e a recriação, por um lado. O ritmo da oralidade “falinventada” das “*vozes anoitecidas*”,⁵⁷ por outro. O simbolismo emblemático da sua heráldica reconfigurada, sinalizando a trajetória comunitária da “*terra sonâmbula*”,⁵⁸ preservando e codificando a (des)memória individual e coletiva, a miscigenação cultural em corações de terras de outros tons e de outros deuses: *Enterrem Meu Coração No*

41 KNOPFLI, 2003, p. 378.

42 DIAS, 1971.

43 FERREIRA, 1975.

44 FERREIRA, 1980.

45 SEMEDO, 1996, p. 10-11, citado em SEMEDO, 2003, p. 17.

46 SEMEDO, 2003, p. 17.

47 SANTO, 1978, p. 63.

48 PEPETELA, 1992.

49 PEPETELA, 1992.

50 ALMEIDA, 1998.

51 VIEIRA, 1997.

52 COUTO, 2005.

53 COUTO, 2003.

54 GRABATUS, 1972.

55 CAMÕES, 1992.

56 PEPETELA, 2001.

57 COUTO, 1999.

58 COUTO, 1992.

*Ramelau,*⁵⁹ *Mayombe,*⁶⁰ *Luuanda,*⁶¹ *O Meu Poeta,*⁶² *Chiquinho,*⁶³ *Karingana*
*ua karingana.*⁶⁴

Delas, poliedro complexo, outras crônicas rezarão, pois...

...ali se vê o brilho vivo
que navega no interior da sombra...

Referências

ALEGRE, Manuel. *Com que pena*. Vinte poemas para Camões. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. *Praça da canção*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

ALMEIDA, Germano de. *O meu poeta*. Lisboa: Caminho, 1992.

_____. *Estórias contadas*. Lisboa: Caminho, 1998.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Discurso de primavera e algumas sombras*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

CAMINHA, Pêro Vaz de. *A carta de Pêro Vaz de Caminha*. Lisboa: Comitê executivo das comemorações do V centenário do nascimento de Pêro Vaz de Caminha, 1968.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Lisboa: Instituto Camões, 1992.

CINATTI, Ruy. *Nós não somos deste mundo*. Lisboa: Ática, 1960.

_____. *Timor-amor*. Lisboa: Edição do Autor, 1974.

CODAX, Martín. *Cantigas*. Vigo: Editorial Galáxia, S.A., 1996.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. Lisboa: Caminho, 1992.

_____. *Vozes anoitecidas*. Lisboa: Caminho, 1999.

59 UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS, 1982.

60 PEPETELA, 2003.

61 PEPETELA, 1989.

62 ALMEIDA, 1992.

63 LOPES, 1984.

64 CRAVEIRINHA, 1982.

- _____. *Cada homem é uma raça*. Lisboa: Caminho, 2002.
- _____. *Estórias abensonbadas*. Lisboa: Caminho, 2003.
- _____. *Pensatempos*. Lisboa: Caminho, 2005.
- CRAVEIRINHA, José. *Xigubo*. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980.
- _____. *Karingana ua karingana*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- CRISTÓVÃO, Fernando. *Cruzeiro do Sul a Norte. Estudos Luso-Brasileiros*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- _____. (Dir. e Coord.) et al. *Dicionário temático da lusofonia*. Lisboa: Luanda, Praia e Maputo, Texto Editores, 2007.
- DIAS, João Pedro Grabato. *A Arca: Ode Didáctica na Primeira Pessoa*. Tradução do sânscrito ptolomaico e versão contida. Lourenço Marques: Edição do Autor, 1971.
- DINIS, D. *Cancioneiro*. Lisboa: Editorial Teorema, 1997.
- FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban*. Lisboa: Seara Nova, 1975.
- _____. *Hora di Bai*. Lisboa: Plátano, 1980.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- GRABATUS, Frey Ioannes. *Quybyricas*. Lourenço Marques, J. P. Grabato D., 1972.
- KNOPFLI, Rui. *Obra poética*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- LEAL, Gomes. *A fome de Camões*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- LEMOS, Virgílio de. *Para fazer um mar*. Lisboa: Instituto Camões, 2001.
- LOPES, Baltasar. *Chiquinbo*. Linda-a-Velha. África, 1984.
- MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.

Ilha de Santa Catarina

PEPETELA. *Luuanda*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *Yaka*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. *A Geração da utopia*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. *Jaime Bunda*. Lisboa: Caminho, 2001.

_____. *Mayombe*. Lisboa: Visão, 2003.

RESENDE, Garcia de. *Cancioneiro geral de Garcia de Resende*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990. (v. II).

SANTO, Alda Espírito. *É nosso o solo sagrado da terra. Poesia de protesto e luta*. Lisboa: Ulmeiro, 1978.

SEMEDO, Odete. *Entre o Ser e o Amar*. Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, 1996.

_____. *Histórias e Passadas que ouvi contar*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2003.

UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS, *Enterrem meu coração no Rame-lau – Poesia de Timor-Leste*, Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1982.

VIEIRA, António. *História do futuro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992.

VIEIRA, José Luandino. *Macandumba*. Lisboa: Edições 70, 1997.